

GEORGE SOROS

EM DEFESA DA
SOCIEDADE ABERTA

GEORGE SOROS

EM DEFESA DA
SOCIEDADE ABERTA

Tradução

Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2019 by George Soros

Publicado mediante acordo com Public Affairs, um selo da Perseus Books, LLC, subsidiária da Hachette Book Group, Inc. Nova York, EUA. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

In Defense of Open Society

PREPARAÇÃO

Anna Beatriz Seilhe

REVISÃO

Sabrina Primo

Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO

Aline Martins | Sem Serifa

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Túlio Cerquize

CAPA ORIGINAL

Pete Garceau/Imagem © Brendan Smialowski/AFP/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S691e Soros, George, 1930-

Em defesa da sociedade aberta / George Soros; tradução

Cássio de Arantes Leite. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

192 p. ; 21 cm.

Tradução de: In Defense of Open Society

ISBN 978-65-5560-240-1

1. Soros, George – Visão política e social. 2. Democracia – Aspectos econômicos. 3. Democracia – Aspectos sociais. 4. Liberalismo. 5. Finanças internacionais. I. Leite, Cássio de Arantes. II. Título.

21-70085

CDD: 332.042

CDU: 339.7

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

INTRODUÇÃO

Vivemos um momento revolucionário. Como resultado disso, praticamente tudo é possível e a falibilidade reina, suprema.

Tenho boas experiências com esses momentos. Eles desempenharam importante papel em minha estrutura conceitual, em que faço uma distinção entre condições “longe do equilíbrio” e de “quase equilíbrio”. Também influenciaram minha vida e minha fundação.

Tudo começou com a Alemanha nazista ocupando a Hungria em 1944, quando eu ainda nem tinha completado 14 anos. Em certo sentido, começou até antes disso, quando me juntava a meu pai na piscina, após a escola, e ele me regalava com histórias de suas aventuras na Sibéria durante a Revolução Russa de 1917. Se acrescentar as reminiscências paternas às minhas experiências, posso considerar que minha memória remonta a um século.

O ano de 1944 foi formativo. Um incidente em especial me vem à mente. A primeira medida de Adolf Eichmann foi criar o Conselho

Judaico e, por ser menor de idade, trabalhei nele como mensageiro — crianças judias estavam proibidas de ir à escola. Minha primeira incumbência foi entregar notificações mimeografadas para uma lista de advogados com nomes que começavam com “A” e “B”, instruindo-os a se apresentar ao Seminário Rabínico com uma muda de roupas e comida para 24 horas. Antes de fazer isso, passei em casa e mostrei as notificações ao meu pai, que também era advogado. Ele me disse para entregá-las de todo modo e avisar aos intimados que, caso obedecessem, seriam deportados. Um dos sujeitos afirmou que sempre fora um cidadão que respeitava a lei e que não lhe podiam fazer mal algum. Quando contei isso a meu pai, ele me explicou que, em tempos anormais, leis normais não vigoram e que as pessoas as obedecem por sua conta e risco. Esse virou nosso mantra e, graças à sua orientação, sobrevivemos todos. Ele também ajudou muitas outras pessoas. Isso fez de 1944 uma experiência positiva para mim.

Quanto à vida da minha Open Society Foundations, os momentos revolucionários sempre foram importantes. Vale mencionar o colapso do sistema soviético na década de 1980, quando, pela primeira vez, a fundação desempenhou papel decisivo, bem como nosso papel na Europa atual, onde tentamos impedir que a União Europeia vá pelo mesmo caminho da União Soviética.

A despeito do preparo intelectual e emocional, não estamos imunes à falibilidade nesses momentos. Podemos reagir aos acontecimentos, mas não prevê-los. Isso quer dizer que não podemos ter uma boa estratégia a menos que chamemos a flexibilidade de estratégia. Eu a chamo de tática e lhe dou meu endosso. Ela nos permite estudar vários cenários e estar preparados para eles. Para encontrar algo consistente, podemos confiar apenas em nossos valores e convicções. É o que estamos fazendo.

Este livro é intitulado *Em defesa da sociedade aberta*, mas, quando criei minha fundação, em 1979, não era para defender a sociedade aberta; era para promovê-la. Nos vinte e cinco anos seguintes, regimes repressivos

como o da União Soviética desmoronaram, e sociedades abertas como a União Europeia emergiram. A tendência apenas se tornou negativa após a crise financeira mundial de 2008. O ponto mais baixo foi em 2016, com o Brexit na Europa e a eleição do presidente Trump nos Estados Unidos. Fui um participante ativo desses eventos e tive muito a dizer sobre eles. Agora noto os primeiros sinais de que a maré está virando novamente.

Este livro é uma seleção dos meus textos no período de 2014 a 2019. Está dividido em seis capítulos. O primeiro, sobre os perigos sem precedentes enfrentados pelas sociedades abertas atualmente. Como fundador da Open Society Foundations, tenho isso como preocupação primordial no momento. O capítulo contém dois discursos que fiz no Fórum Econômico Mundial, em Davos, em janeiro de 2018 e em 2019. O discurso de 2018 trata dos perigos representados pelas plataformas de mídias digitais. Em 2019, adverti o mundo de uma ameaça ainda maior representada pelos instrumentos de controle que, graças ao aprendizado de máquina e à inteligência artificial, podem cair nas mãos de regimes repressivos. Meu foco foi o regime de Xi Jinping na China, o mais avançado nessas áreas. Achei que devia apresentar os dois discursos separadamente, porque meu pensamento passou por uma mudança radical no período entre um e outro.

Comecei a formular minha estrutura conceitual quando estudava na London School of Economics sob a influência do meu mentor, o filósofo austríaco Karl Popper, e continuei a desenvolvê-la no decorrer da vida. Minha filosofia me orientou tanto a ganhar dinheiro como a empregá-lo para fazer do mundo um lugar melhor, mas ela não diz respeito a dinheiro; refere-se à relação complicada entre o pensamento e a realidade. Decidi deixar a explicação sobre minha filosofia para o último capítulo porque o melhor texto é o artigo no *Journal of Economic*

Methodology, de 2014. Era dirigido a um público especializado e, portanto, bastante denso. Reccei perder muitos leitores caso os sujeitasse a ele logo de cara. Espero que alguém escreva uma explicação mais acessível ao público geral, pois sou velho demais e muito ocupado para fazer isso eu mesmo. Mas tentei de todo modo torná-lo mais acessível preparando uma versão revisada e resumida para este livro.

Devoto o segundo capítulo ao que chamo de minha *filantropia política*. Escrevi meu primeiro ensaio sobre o assunto em 2012, no qual propus as seguintes questões: como alguém reconhecidamente egoísta e autocentrado poderia criar uma fundação altruísta cuja meta fosse tornar o mundo um lugar melhor? Como podemos buscar essa meta mesmo quando os resultados não nos satisfazem? Respondi às questões com toda a honestidade. Atualizei o ensaio para este livro não só a fim de refletir meus pontos de vista atuais como também porque tanto a situação externa quanto a estrutura e as atividades da minha fundação são bem diferentes hoje do que eram em 2012. Como reflexo da mudança das condições, alguns dos meus pontos de vista também mudaram.

A situação externa se deteriorou enormemente. Como explico no Capítulo 1, um perigo sem precedentes surgiu em anos recentes. O rápido desenvolvimento da inteligência artificial e do aprendizado de máquina produz instrumentos de controle social que proporcionam aos regimes repressivos uma vantagem natural sobre as sociedades abertas. Para as ditaduras, constituem ferramentas úteis; para as sociedades abertas, um perigo mortal. Nossa principal tarefa no momento é encontrar formas de neutralizar essa desvantagem inerente.

Em 2012, minha fundação continuava em expansão, embora a situação externa se deteriorasse. Eu continuava ativo no mercado financeiro, e meu fundo gerava muito dinheiro. Isso nos coloca em uma posição incomum, como que isentos da lei da gravidade. Esses dias chegaram ao fim. Aposentei-me dos mercados, e a repressão financeira tornou bem mais difícil para qualquer gestor de fundo ganhar dinheiro. Ao mes-

mo tempo, a procura por nossa ajuda aumentou muito, e nossa oferta de financiamento foi incapaz de acompanhá-la. Consequentemente, a gravidade voltou a nos atrair com força excepcional.

Considerando os vários problemas que minha fundação enfrenta, devo mencionar outra questão com a qual eu e ela precisamos lidar: o envelhecimento. É um processo contínuo, então também estava presente em 2012, e eu o discuti de modo extenso em meu ensaio, mas sete anos se passaram desde então. O primeiro presidente da fundação, Aryeh Neier, se aposentou em 2012, e coube à nova liderança, encabeçada por Patrick Gaspard, ex-embaixador norte-americano na África do Sul, reorganizá-la por completo. Eles estão fazendo bastante progresso.

Embora eu esteja com 90 anos, reluto em parar, porque sinto que ainda tenho algo a contribuir e, como fundador, posso ser mais rápido e empreendedor do que o quadro de diretores que vai me suceder. Mas minha energia e resistência já não são mais as mesmas. Tenho delegado muitos deveres a meu filho Alex, que também faz parte da nova liderança.

A mudança positiva mais drástica ocorrida em minha fundação é a crescente importância da Universidade Centro-Europeia (CEU). Eu a criei em 1991, mas mal a menciono no ensaio de 2012. Depois disso, firmou-se como a defensora mais destacada da liberdade acadêmica e foi classificada como uma das cem melhores universidades de ciências sociais do mundo. Temos planos ambiciosos para seu futuro. Considero-a tão importante que lhe dedico um capítulo inteiro (Capítulo 3).

Quando era ativamente envolvido com os mercados financeiros, escrevi bastante sobre o assunto. Ao contrário da teoria do equilíbrio que tem como base a teoria das expectativas racionais predominante, considero os mercados financeiros inerentemente instáveis. Meu primeiro livro, *A alquimia das finanças*, foi publicado em 1987. Desde então, tornou-se leitura obrigatória nas escolas de negócios, mas foi deliberadamente ignorado pelos economistas acadêmicos até a crise de 2008. Para eles, não passava das veleidades de um gestor de *hedge*

fund de sucesso que se imaginava filósofo. O juízo foi tão unânime que não pude ignorá-lo. Cheguei a me considerar um filósofo fracassado. Até dei uma palestra intitulada “Um filósofo fracassado tenta outra vez”, em 1995.

Tudo mudou após 2008. Os economistas não puderam ignorar seu fracasso em prevê-la. Tive o prazer de escutar o então governador do Banco da Inglaterra, Mervyn King, admitir publicamente que minha teoria dos mercados financeiros merecia atenção. A mudança de atitude entre os economistas acadêmicos foi ainda mais gratificante. Houve o reconhecimento geral de que o paradigma predominante fracassara, bem como a boa vontade em repensar os pressupostos básicos. Isso me levou a patrocinar o Instituto para o Novo Pensamento Econômico (Inet), cuja missão é romper com o monopólio de que as hipóteses do mercado eficiente e a teoria das expectativas racionais desfrutaram nos círculos acadêmicos e oficiais. Convoquei um grupo de economistas distintos, incluindo diversos ganhadores do Prêmio Nobel, e a resposta veio com entusiasmo. Uma diretoria foi formada sob a presidência de Anatole Kaletsky. Meu amigo e antigo colega Rob Johnson se tornou presidente do Inet e constitui uma liderança inspirada. O Inet está prosperando, mas só porque não faço parte de sua diretoria. Percebo um conflito potencial entre ser o fundador e o patrocinador financeiro do Inet e o proponente de uma teoria particular dos deslocamentos de mercado.

Escrevi artigos após a crise econômica. Discordei veementemente do plano do então secretário do Tesouro norte-americano, Hank Paulson, de resgatar os bancos usando um fundo público chamado Programa de Alívio de Ativos Problemáticos (em inglês, Troubled Asset Relief Program — Tarp) para remover os ativos tóxicos de seus balanços patrimoniais. Sustentei que seria muito mais eficaz injetar os 700 bilhões de dólares fornecidos pelo Tarp no balanço dos bancos como patrimônio líquido. Teria ajudado muito no combate contra a

crise. Trabalhei próximo à liderança democrática no Congresso para modificar a lei Tarp de modo que permitisse que o dinheiro fosse usado para a recapitalização dos bancos mediante a aquisição de participações societárias. Foi o que o governo britânico fez: estatizou os bancos falidos e terminou por recuperar a maior parte do dinheiro investido. No entanto, meu amigo Larry Summers, que sucedeu Hank Paulson, rejeitou-a logo de cara porque, segundo ele, estatizar os bancos seria um ato socialista que nunca seria aceito nos Estados Unidos. Eu tinha muitas outras ideias que esperava pôr em prática quando Barack Obama foi eleito, incluindo uma reforma fundamental no sistema hipotecário, mas nenhuma delas foi adotada. Parte do que escrevi sobre o assunto — incluindo um texto de 2018 — constitui o Capítulo 4 deste livro.

A crise de 2008 levou diretamente à crise do euro de 2011. Isso despertou meu interesse pelas deficiências do euro e me levou ao estudo das fraquezas estruturais da União Europeia. Meu interesse continuou a crescer à medida que mais e mais deficiências ficaram aparentes. Meus artigos sobre o assunto compõem o Capítulo 5.

O Capítulo 6, como mencionado, é dedicado ao artigo revisado e resumido do *Journal of Economic Methodology*.

COMENTÁRIOS APRESENTADOS AO FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL

— Davos, Suíça, 25 de janeiro de 2018 —

O MOMENTO HISTÓRICO

Já quase se tornou uma tradição anual em Davos eu fazer um panorama da situação atual do mundo. Dessa vez, quero me concentrar em algumas questões que mais têm ocupado minha mente.

Considero o momento histórico presente um tanto aflitivo. As sociedades abertas estão em crise, e ditaduras e estados mafiosos de vários tipos, a exemplo da Rússia de Vladimir Putin, estão em alta. Nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump gostaria de criar um estado mafioso, mas não consegue por causa da Constituição, de outras instituições e de uma vibrante sociedade civil, que não permitem.

Gostemos ou não, minhas fundações, a maioria de nossos beneficiários e eu mesmo travamos uma dura batalha para proteger as conquistas democráticas do passado. As fundações que lidero costumavam manter a atenção nos chamados países em desenvolvi-

mento, mas, agora que a sociedade aberta corre perigo também nos Estados Unidos e na Europa, gastamos mais da metade do nosso orçamento perto de casa, porque o que está acontecendo aqui tem um impacto negativo em todo o mundo.

No entanto, proteger as realizações democráticas do passado não basta. Devemos também salvaguardar os valores da sociedade aberta de modo que suportem melhor futuros ataques. A sociedade aberta sempre terá seus inimigos, e, para sobreviver, cada geração deve reafirmar seu compromisso para com ela.

A melhor defesa é um contra-ataque bem planejado. Os inimigos da sociedade aberta se sentem vitoriosos, e isso os induz a levar suas tentativas de repressão longe demais, gera ressentimento e oferece oportunidades para reagirmos. É o que tem acontecido em países como a Hungria hoje.

A SOBREVIVÊNCIA DE NOSSA CIVILIZAÇÃO ESTÁ EM JOGO

Eu costumava definir a meta das minhas fundações como sendo “defender as sociedades abertas de seus inimigos, exigindo a prestação de contas dos governos e promovendo o pensamento crítico”. Mas a situação se deteriorou. Não só a sobrevivência da sociedade aberta, como também a de toda a nossa civilização está em jogo. A ascensão de líderes como Kim Jong-un, na Coreia do Norte, e Donald Trump, nos Estados Unidos, tem muito a ver com isso. Ambos parecem dispostos a arriscar uma guerra nuclear a fim de se manterem no poder. Mas a raiz do problema é mais profunda.

A capacidade humana para aproveitar as forças da natureza com fins tanto construtivos como destrutivos continua a crescer, enquanto nossa capacidade de autogoverno apropriado enfrenta altos e baixos, estando agora em um desses momentos ruins.

A ameaça de guerra nuclear é tão horrenda que tendemos a ignorá-la, mas ela é real. Na verdade, os Estados Unidos estão no curso de uma guerra nuclear quando se recusam a aceitar que a Coreia do Norte tenha se tornado uma potência nuclear. Isso cria um forte incentivo para que a Coreia do Norte desenvolva sua capacidade nuclear com a maior rapidez possível, o que, por sua vez, pode induzir os Estados Unidos a usar de forma preventiva sua superioridade nuclear — na prática, começar uma guerra nuclear para impedir uma guerra nuclear, estratégia obviamente contraditória.

Vale a pena repetir que a Coreia do Norte se tornou uma potência nuclear, e nenhuma ação militar pode impedir algo que já aconteceu. A única estratégia sensata é aceitar a realidade, por mais desagradável que seja, e admitir o fato de que o país hoje é uma potência nuclear. Isso exige que os Estados Unidos cooperem com todas as partes interessadas, em especial com a China. Beijing detém a maioria das alavancas do poder contra a Coreia do Norte, mas reluta em usá-las. Se a China retaliasse com veemência Pyongyang, o regime desmoronaria, e a China seria inundada por refugiados norte-coreanos. Beijing também reluta em fazer qualquer favor aos Estados Unidos, à Coreia do Sul ou ao Japão — reservando a cada um deles uma variedade de ressentimentos. A cooperação exigirá negociações extensas, mas, uma vez alcançadas, as alianças seriam capazes de confrontar a Coreia do Norte com uma vara e uma cenoura. A vara seria usada para forçar o país a participar com boa-fé das negociações. A cenoura seria para recompensá-la por suspender o desenvolvimento de armas nucleares e permitir a verificação disso. Quanto antes chegar a um acordo para cessar toda a hostilidade, mais bem-sucedida será a política. O sucesso pode ser medido pela quantidade de tempo que levaria a Coreia do Norte a tornar seu arsenal nuclear plenamente operacional. Quero chamar sua atenção para dois relatórios semanais publicados recentemente pelo Crisis Group sobre a perspectiva da guerra nuclear na Coreia do Norte.

Outra grande ameaça à sobrevivência da nossa civilização é a mudança climática, que também é uma causa cada vez maior de migrações forçadas. Já explorei bastante os problemas da migração, mas devo enfatizar em que medida esses problemas são graves e intratáveis. Não pretendo entrar em detalhes sobre a mudança climática, pois o que precisa ser feito é de conhecimento geral. Já temos o saber científico; o que falta é vontade política, em especial do governo Trump.

Considero o governo Trump um perigo óbvio para o mundo, mas o vejo como um fenômeno puramente temporário. Dou crédito ao presidente por motivar brilhantemente seus núcleos partidários. No entanto, para cada núcleo partidário, ele criou um número ainda maior de núcleos adversários fortalecidos na mesma medida.

Minha meta pessoal nos Estados Unidos é ajudar a restabelecer um sistema de dois partidos que funcione. Para isso, será necessário não só uma vitória democrata mas também um Partido Democrata que busque o redistritamento apartidário, a nomeação de juízes bem qualificados, um censo conduzido de forma adequada e outras medidas que um sistema bipartidário funcional exige.

OS PERIGOS REPRESENTADOS PELOS GIGANTES DAS MÍDIAS SOCIAIS

Pretendo usar a maior parte do tempo restante para falar sobre outro problema global: o crescimento e o comportamento monopolista das empresas gigantes de plataformas de TI. Muitas vezes, essas empresas desempenharam um papel inovador e liberador. Contudo, conforme Facebook e Google se transformaram em monopólios cada vez mais poderosos, tornaram-se obstáculos à inovação e causaram uma variedade de problemas, que só agora começamos a perceber.

Empresas lucram explorando seu ambiente. Mineradoras e petrolíferas exploram o ambiente físico; empresas de mídias sociais exploram o ambiente social. Isso é nefasto, pois as empresas de mídias sociais influenciam o modo como as pessoas pensam e agem sem que estas percebam. Isso tem consequências amplamente adversas para o funcionamento da democracia, mais ainda para a integridade das eleições.

As características distintivas dessas empresas são o fato de serem redes e desfrutarem de retornos marginais crescentes, o que explica seu crescimento fenomenal. O efeito de rede é, de fato, sem precedentes e transformador, além de insustentável. O Facebook levou oito anos e meio para atingir um bilhão de usuários e metade desse tempo para chegar ao segundo bilhão. Nesse ritmo, em menos de três anos, todos no mundo teriam um perfil nessa rede social.

Facebook e Google controlam mais da metade de toda a receita de publicidade da internet. Para manter sua dominação, precisam expandir suas redes e aumentar sua parcela de atenção dos usuários. Atualmente, fazem isso proporcionando-lhes uma plataforma conveniente. Quanto mais tempo gastam nela, mais valiosos os usuários se tornam para as empresas.

Os provedores de conteúdo também contribuem para a lucratividade das empresas de mídias sociais, porque não conseguem evitar usá-las e têm de aceitar sejam lá quais forem os termos oferecidos.

A lucratividade excepcional dessas empresas é possível porque elas evitam ser responsabilizadas — e evitam pagar — pelo conteúdo de suas plataformas.

Alegam que estão apenas distribuindo informação. O fato de praticamente monopolizarem tal distribuição, porém, faz delas um serviço público e, portanto, torna-as sujeitas a regulamentações mais severas, voltadas a preservar a competição, a inovação e o acesso universal justos e disponíveis.

O modelo de negócios das empresas de mídias sociais é baseado na publicidade. Seus verdadeiros clientes são os anunciantes. No entanto, pouco a pouco, um novo modelo está emergindo, baseado não apenas em publicidade, mas também na venda de produtos e serviços diretamente aos usuários. Elas exploram os dados que controlam, oferecem pacotes de serviços e usam discriminação de preços para ficar com a maior parte dos benefícios que, de outro modo, teriam de dividir com os consumidores. Isso aumenta ainda mais sua lucratividade — mas os pacotes de serviços e a discriminação de preços solapam a eficiência da economia de mercado.

As empresas de mídias sociais enganam seus usuários manipulando sua atenção e direcionando-a a seus próprios propósitos comerciais. Elas os viciam deliberadamente nos serviços que fornecem. Isso pode ser muito nocivo, ainda mais entre adolescentes. Há uma semelhança entre as plataformas de internet e as casas de jogos de azar. Os cassinos desenvolveram técnicas para viciar jogadores a ponto de eles apostarem todo o seu dinheiro — até o que não têm.

Algo muito pernicioso e talvez irreversível vem acontecendo com a atenção humana nessa era digital. Não se trata apenas de distração ou vício. As empresas de mídias sociais estão induzindo o usuário a abrir mão de sua autonomia. O poder de moldar a atenção das pessoas cada vez mais se concentra nas mãos de umas poucas empresas. É preciso fazer um esforço para divulgar e defender o que John Stuart Mill chamou de “liberdade do pensamento”. É possível que, uma vez perdida essa liberdade, as pessoas que cresceram na era digital tenham dificuldade em recuperá-la. Isso pode ter consequências políticas de longo alcance. Indivíduos sem liberdade de pensamento podem ser manipulados com facilidade. Essa ameaça não diz respeito apenas ao futuro — já desempenhou papel importante nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016.

Contudo, existe uma perspectiva ainda mais alarmante no horizonte. Poderia ocorrer uma aliança entre estados autoritários e esses imensos

monopólios tecnológicos ricos em dados, que fundiriam os sistemas incipientes de vigilância corporativa a um já desenvolvido sistema de vigilância patrocinado pelo estado. Isso pode resultar em uma rede de controle totalitário de um modo que nem George Orwell teria imaginado.

Os países em que tais alianças profanas tendem a ocorrer primeiro são Rússia e China. As empresas de tecnologia chinesas são absolutamente idênticas às norte-americanas. Elas também desfrutam do pleno apoio e da proteção do regime de Xi Jinping. O governo chinês é forte o bastante para proteger seus campeões nacionais, pelo menos dentro de suas fronteiras.

Os monopólios de TI radicados nos Estados Unidos já estão tentados a fazer concessões para ganhar entrada nesses vastos mercados em rápido crescimento. Os líderes ditatoriais nesses países podem de muito bom grado colaborar com eles, pois esperam aperfeiçoar seus métodos de controle sobre a própria população e expandir seu poder e influência nos Estados Unidos e no restante do mundo.

Os donos das gigantes da internet se consideram os senhores do universo, mas na verdade são escravos tentando preservar sua posição dominante. É apenas questão de tempo para a dominação global dos monopólios de TI norte-americanos ser quebrada. Davos é um bom lugar para anunciar que seus dias estão contados. A regulação e a taxaço são sua ruína, e o comissário europeu para a concorrência, Margrethe Vestager, será sua nêmesis.

Existe ainda a admissão crescente de uma conexão entre a dominação dos monopólios de plataforma e o nível cada vez maior da desigualdade. A concentração da propriedade nas mãos de alguns poucos indivíduos privados desempenha um papel, mas a posição peculiar ocupada pelos gigantes da TI é ainda mais importante. Elas conquistaram o monopólio, mas, ao mesmo tempo, competem entre si. São grandes o bastante para engolir startups que um dia possam competir com elas, mas só as gigantes dispõem de recursos para invadir a sea-

ra alheia. Estão preparadas para dominar novas áreas de crescimento abertas pela inteligência artificial, como os carros autônomos.

O impacto das inovações sobre o desemprego depende das políticas governamentais. A União Europeia e os países nórdicos enxergam bem mais longe quando se trata de suas políticas sociais do que os Estados Unidos. Eles protegem o trabalhador, e não o emprego. Eles se dispõem a gastar dinheiro para reciclar ou aposentar trabalhadores sem colocação no mercado. Isso proporciona aos trabalhadores nórdicos uma sensação maior de segurança e apoio às inovações tecnológicas do que entre os norte-americanos.

Os monopólios da internet não têm a vontade nem a tendência de proteger a sociedade contra os efeitos de suas ações. Isso faz deles uma ameaça e cabe às autoridades reguladoras proteger a sociedade deles. Nos Estados Unidos, os legisladores não têm força suficiente para se opor à influência política dos monopólios de internet. A União Europeia está em melhor situação, porque não tem gigantes de tecnologia.

A União Europeia e os Estados Unidos usam diferentes definições para o poder de monopólio. A lei norte-americana foca principalmente monopólios criados por aquisições, enquanto a lei europeia proíbe o abuso do poder de monopólio a despeito de como seja conquistado. A Europa tem leis de proteção à privacidade e aos dados muito mais fortes do que os norte-americanos. Além do mais, a lei norte-americana adota uma estranha doutrina proposta inicialmente pelo juiz Robert Bork, da Suprema Corte: ela mede o dano como um aumento no preço pago por clientes pelos serviços prestados — e isso é quase impossível de provar quando a maioria dos serviços é fornecida de graça. Desse modo, os valiosos dados que as empresas de plataforma coletam de seus usuários não são levados em consideração.

O comissário Margrethe Vestager é o campeão da abordagem europeia. Levou sete anos para a União Europeia reunir evidências contra

o Google, mas, como resultado de seu sucesso, o processo caminha de forma bem acelerada. Graças ao seu proselitismo, a abordagem europeia começou a afetar as atitudes também nos Estados Unidos.

A ASCENSÃO DO NACIONALISMO

Mencionei parte dos problemas mais urgentes e importantes enfrentados hoje. Concluindo, permitam-me observar que vivemos um período revolucionário. Todas as nossas instituições estão em um estado de fluxo e, nessas circunstâncias, tanto a falibilidade como a reflexividade operam a pleno vapor.

Conheci condições similares em minha vida — a última vez foi há uns trinta anos. Foi nessa época que montei minha rede de fundações no antigo império soviético. A principal diferença entre os dois períodos é que, há trinta anos, o credo dominante eram a governança e a cooperação internacional. A União Europeia era a potência em ascensão, e a União Soviética estava em declínio. Hoje, porém, a força motivadora é o nacionalismo. A Rússia ressurgiu, e a União Europeia corre o risco de abandonar seus valores.

Como devem lembrar, a experiência anterior não terminou bem para a União Soviética. O império soviético desmoronou, e a Rússia se tornou um estado mafioso que adotou uma ideologia nacionalista. Minhas fundações se saíram muito bem: os estados mais avançados do império soviético entraram para a União Europeia.

Nosso objetivo atual é ajudar a salvar a União Europeia para reinventá-la radicalmente. A União Europeia tinha o apoio entusiasmado das pessoas de minha geração, mas isso mudou após a crise financeira de 2008. Ela se desencaminhou porque era governada por tratados ultrapassados e uma crença equivocada em políticas de austeridade. O que fora uma associação voluntária de estados igualitários se converteu

em uma relação entre credores e devedores, em que estes eram incapazes de cumprir suas obrigações, e aqueles determinavam as condições a serem cumpridas. Essa associação nunca foi voluntária nem igualitária.

Como consequência, grande proporção da atual geração não enxerga a União Europeia como aliada. Um importante país, o Reino Unido, deixou a União Europeia, e pelo menos outros dois, Polônia e Hungria, são conduzidos por governos que se opõem obstinadamente aos valores nos quais a União Europeia se baseia. Eles estão em agudo conflito com várias instituições europeias, que tentam discipliná-los. Em diversos outros países há partidos anti-União Europeia em ascensão. Na Áustria, por exemplo, um partido anti-União Europeia está na coalizão governante.

Como impedir a União Europeia de abandonar seus valores? Precisamos reformá-la em todos os níveis: a União Europeia em si, os estados-membros e o eleitorado. Vivemos um período revolucionário; tudo está sujeito a mudança. As decisões tomadas hoje determinarão a forma do futuro.

No nível da União, a principal questão é: o que fazer a respeito do euro? Todo estado-membro deve ser obrigado a adotá-lo ou a presente situação poderá prosseguir indefinidamente? O Tratado de Maastricht prescreve a primeira alternativa, mas o euro desenvolveu alguns defeitos que o tratado não previa, e uma resolução ainda é aguardada.

Devemos permitir que os problemas do euro ponham em risco o futuro da União Europeia? Tenho fortes argumentos contrários. O fato é que os países que não se qualificam estão ansiosos para entrar, mas os qualificados decidiram contra isso, com exceção da Bulgária. Além do mais, gostaria de ver o Reino Unido permanecer na União Europeia ou acabar voltando para ela, e isso não aconteceria caso significasse a adoção do euro.

As opções da União Europeia poderiam ser mais bem formuladas como uma escolha entre a abordagem multivelocidade e multicanal.

Em uma abordagem multivelocidade, os estados-membros têm de concordar de antemão com o resultado último; em uma abordagem multicanal, são livres para formar coalizões entre os dispostos a perseguir metas particulares com as quais concordam. Essa segunda abordagem é mais flexível, mas a burocracia europeia favoreceu o primeiro tipo. Isso contribuiu muito para a rigidez estrutural da União Europeia.

Quanto aos estados-membros, seus partidos políticos são muito antiquados. A velha distinção entre esquerda e direita está ofuscada pela postura favorável ou anti-União Europeia. Em cada país isso se manifesta de uma forma.

Na Alemanha, o arranjo siamês entre a União Democrata Cristã (CDU) e a União Social Cristã (CSU) ficou insustentável com os resultados das eleições recentes. Há outro partido, a Alternativa para a Alemanha (AfD), que fica mais à direita do que a CSU na Bavária, forçando a CSU a se posicionar mais à direita, de modo que o abismo entre CSU e CDU se tornou ainda maior. Isso deixou o sistema partidário alemão amplamente disfuncional até o rompimento entre CDU e CSU.

No Reino Unido, os conservadores são o partido da direita, e os trabalhistas, da esquerda, mas ambos tinham uma divisão interna em relação ao Brexit. Isso complicava imensamente as negociações do Brexit e tornava extremamente difícil para o Reino Unido decidir e modificar sua posição em relação à Europa.

Podemos esperar que outros países europeus passem por realinhamento similar, com exceção da França, que já viveu sua revolução interna.

No nível do eleitorado, a iniciativa vinda de cima para baixo, criada por um pequeno grupo de visionários liderados por Jean Monnet, avançou bem com o processo de integração, mas não manteve o ritmo. Era necessário aliar uma abordagem tomada pelas autoridades europeias a iniciativas que surgissem de “baixo para cima”, empreendidas pelo eleitorado engajado — felizmente, há muitas delas. Ainda veremos as reações das autoridades a elas. Até o momento, o presidente Emmanuel

Macron se mostrou muito receptivo. Sua campanha para a presidência francesa se baseou em uma plataforma pró-União Europeia.

Embora eu tenha analisado a Europa com mais detalhes, o que se passa na Ásia é, em última instância, muito mais importante da perspectiva histórica. A China é a potência em ascensão. Muitos defensores apaixonados da sociedade aberta na China foram enviados para reeducação em áreas rurais durante a Revolução Maoista. Os sobreviventes voltaram para ocupar posições de poder no governo. Assim, a futura direção do país já não é algo em aberto, como costumava ser.

Os defensores da sociedade aberta chegaram à idade de aposentadoria, e Xi Jinping, que tem mais em comum com Putin do que com o assim chamado Ocidente, começou a estabelecer um novo sistema de patrocínio partidário. Receio que as perspectivas para os próximos vinte anos sejam um tanto desoladoras. Mesmo assim, é importante encaixar a China nas instituições de governança global. Talvez ajude a evitar uma guerra mundial que destruiria toda a nossa civilização.

Isso nos deixa com os campos de batalha locais na África, no Oriente Médio e na Ásia Central. Minhas fundações estão ativamente envolvidas em cada um deles. Damos um foco particular à África, onde candidatos a ditadores no Quênia, no Zimbábue e na República Democrática do Congo perpetraram fraude eleitoral em uma escala sem precedentes, e os cidadãos literalmente arriscam a vida ao resistir a um governo ditatorial. Nosso objetivo é empoderar as populações locais para lidar com seus problemas, auxiliar os desfavorecidos e reduzir o máximo possível de sofrimento humano. Ainda haverá muito a ser feito, mas não estarei aqui para ver isso acontecer.

ELEITO PELO *FINANCIAL TIMES* PERSONALIDADE DO ANO DE 2018, O LENDÁRIO FILANTROPO E INVESTIDOR GEORGE SOROS CRIOU A OPEN SOCIETY FOUNDATIONS EM 1979 PARA PROMOVER OS VALORES DA SOCIEDADE ABERTA, DOS DIREITOS HUMANOS E DA DEMOCRACIA LIBERAL.

Nas décadas seguintes, regimes repressivos como a União Soviética desmoronaram, e sociedades abertas como a União Europeia emergiram. A tendência apenas se tornou negativa após a crise financeira mundial de 2008. O ponto mais baixo foi em 2016, com o Brexit na Europa e a eleição do presidente Donald Trump nos Estados Unidos. Soros foi um participante ativo desses eventos e tem muito a dizer sobre eles.

Em defesa da sociedade aberta é uma seleção de seis conferências e textos produzidos por George Soros no período de 2014 a 2019. Inclui dois discursos do autor no Fórum Econômico Mundial em Davos, 2018 e 2019, sobre os perigos sem precedentes enfrentados pelas sociedades abertas atualmente. O primeiro discurso trata das ameaças representadas pelas plataformas de mídias digitais, e o segundo faz um alerta para o risco ainda maior representado pelos instrumentos de controle que, graças à inteligência artificial, podem cair nas mãos de regimes repressivos, em especial da China e da Rússia. Há ainda ensaios sobre filantropia política; a história das instituições fundadas por Soros, Open Society Foundations e Universidade Centro-Europeia (CEU); a teoria de Soros sobre a ascensão e a queda dos mercados financeiros e suas implicações políticas; e as ameaças que a União Europeia enfrenta hoje.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1078/>